

Uma lição de vida no Cavalão

■ O doutor Paulo conhece quase todo mundo pelo nome

Doutor Paulo caminha pelas vielas da favela do Cavalão cumprimentando as pessoas pelo nome. Pergunta por que o filho de uma não aparece no posto há dois meses. Diz para outra que no dia seguinte passa na casa dela. Observa a uma terceira que finalmente pararam de jogar lixo no terreno baldio. O médico é recebido com carinho e respeito e trata os moradores da favela da mesma forma. Eles gostam disso. "É bom ser atendido do lado de casa por quem já conhece a gente", diz Ricarda Maria da Conceição Alves, de 68 anos. No início do ano, um médico que passou pelo Cavalão foi demitido pelos moradores

porque queria conciliar o trabalho no posto aos seus plantões. Os patrões não fizeram concessão.

Além de Paulo Sá, trabalham no projeto *Médico de Família* do Morro do Cavalão mais dois doutores, também nessa faixa de idade. Cada um é responsável por uma área. Paulo atende a 194 famílias — cerca de mil pessoas — da parte mais rural da favela, onde o acesso é difícil e o saneamento precário. Segundo ele, só 8% dos casos precisam ser encaminhado a hospitais da rede. E mais de 90% das grávidas da comunidade fazem ali o seu pré-natal. Há grupos de amamentação, de puericultura, alcóolatrás anônimos e de planejamento familiar.

Em dois meses, acompanhado da auxiliar Vânia Rosa de Andrade, de 23 anos, que nasceu e mora na favela, Paulo percorreu todas

as casas de sua área, fez um registro com o nome das pessoas e suas características familiares, alimentares e higiênicas. O contato permanente do médico com a comunidade o transforma em agente epidemiológico, mostrando para a população o dano para a saúde de determinadas atitudes, como jogar lixo fora da caçamba. E o torna também psicólogo. "Um dia, uma moça chegou dizendo sentir dor em todo o corpo. Fiz um pedido de exame e, cinco minutos depois, ela voltou dizendo que não estava com dor nenhuma, que só queria desabafar. Marquei outras consultas para conversarmos e ela ficou muito bem", relata.

Paulo diz que está aprendendo muito com a comunidade do Cavalão. "A gente descobre formas de organização que não parece,

mas funcionam perfeitamente", diz, lembrando de um episódio recente: um cano da Cedae estava furado na rua e ele aconselhou que as pessoas formassem uma comissão para reclamar à Cedae. "Pois eles foram muito mais práticos. Arrumaram um vizinho *entendido de cano* que fez o conserto em minutos". Também está impressionado com a independência e inteligência das crianças, às vezes mais espertas do que as próprias mães. "Houve uma, de 5 anos, que veio sozinha, sentou na cadeira e explicou todos os detalhes dos sintomas de gripe que estava sentindo. Parecia uma adulta. Quando pedi para levar a receita para a tia lhe dar o remédio, ela olhou e disse: "Ah, mas isso é AAS. Isso eu sei tomar." (D.S.).